

# A MULHER QUE EU CONHECI

**Autora:** Ana Júlia Bauer

**Instituição:** INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ – Câmpus Palmas-PR

**Endereço:** Rodovia PRT 280 Trevo Codapar.

**Professora Orientadora:** Marcia Beraldo Lagos

A mulher que eu conheci chamava-se Clementine, e ela é de 60. Ela cursou engenharia e foi à única mulher a se formar em sua turma. Ela viajou para a Austrália. E pra Grécia, e pra França, e pro Japão, e pro Irã. E saiu de casa cedo, pois queria encontrar-se... A mulher que eu conheci assistia futebol, e tocava em bares os versos que escrevia, e seu pai a chamava de vadia, pois gostava de atuar. Ela era aventureira, não pensava em casar, e levava a vida de uma maneira radical, porém não brutal... A mulher que eu conheci escutava Beatles, achava o som “maneiro” e ia a shows de rock. Ela contestava o avô, o pai, o professor. Ela gostava de alpinismo, e gostava de Peck, e queria escalar o Matterhorn. E ela sorria ao ver Lady Hester trajada depois de seu navio chegar ao Egito. Mas ela gostava de homem, e apaixonou-se algumas vezes, e amou, amou intensamente... A mulher que eu conheci não tinha tempo para cozinhar, não aguentava o peso da mala de roupa sujas, mas aguentava o peso da mala com as antiguidades que levava por aí para esbanjar, e tinha orgulho disso. Ela conhecia Daiane, que conhecia Lorraine, que conhecia Anne, que gostaria de convidá-la para um café, e ouvir todas as suas histórias... A mulher que eu conheci transmitia força, determinação, coragem, inspiração e há quem dizia, “mas ela é só uma mulher”. Porém ela dava de ombros, e não se importava nem um pouco. Ela não era “sapatão”, não queria chamar a atenção, só queria ser fonte de inspiração às mulheres que estavam cansadas do padrão. E tenho certeza, que inúmeras mulheres queriam ser como Clementine. Talvez não aventureiras, nem tão radicais, mas queriam ter coragem para fugir do padrão e driblar a injusta convenção.

A mulher que eu conheci chamava-se Heloísa, e era de Portugal. Ela trabalhava com vendas, e trabalhava com Marcos, que ganhava seus 1000 e ela seus 300, enquanto exercendo o mesmo cargo. Mas nem por isso ela deixava de cumprir seu papel perante sua função. Ela levantava cedo, ia a protestos, e seu patrão dizia que só servia para ser alvo de olhares, mas que era inútil. Ela chegava em casa tarde, assistia a novela, e ia dormir, mas tinha que pintar

as unhas, pois seu chefe não gostava de vê-la mal arrumada. Ela tinha um marido que se chamava Carlos, que não gostava que ela se arrumasse, nem que saísse com as amigas, nem que trabalhasse na lojinha, pois acreditava que tinha dever apenas com as funções de casa. E ele a chamava de vadia, e a tratava com violência, e ela gritava, contradizia, e ele se irritava. A situação nunca terminava bem. Ela gostava de arte, gostava de Tarsila de Amaral, e gostava de ler Rachel de Queiroz... A mulher que eu conheci queria ser mais, queria ser alguém capaz de mudar, e não deu o braço a torcer. Encorajava as amigas a sair dessa mesmice, e com força de vontade ela saiu. E foi para bem longe, mostrando que realmente era capaz de ser alguém, neste mundo injusto onde é difícil a uma mulher ter vez. E tenho certeza, que muitas mulheres queriam ser como Heloísa.

As mulheres não querem ser iguais, mas sim, tratadas como iguais. E porque para fugir do padrão não é tão fácil assim se quer ser vista como igual. Não importa se ela é Clementine ou se ela é Heloísa, ou se ela é Rita, Ana, ou Maria. Quem quer que seja. Não importa se ela gosta de arte, se ela é aventureira, se ela é trabalhadora, se ela é esquisitona, ou se ela é meio Leila Diniz. Mulher não nasceu para ser menos que homem. Homem não nasceu para ser melhor que mulher. Nem ao contrário. Todos nascemos com a chance de ser alguém, independente da cor, origem, religião, ou sexo. E como já dizia Rita Lee:

Toda mulher quer ser amada  
Toda mulher quer ser feliz  
Toda mulher se faz de coitada  
Toda mulher é meio Leila Diniz.

